



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Centro de Especialidades Odontológicas de
Campo Limpo**

São Paulo-SP, 20 de outubro de 2004

Meus queridos companheiros e minhas queridas companheiras de
Campo Limpo, da Zona Sul da nossa querida cidade de São Paulo,

Meu caro Hélio Bicudo, prefeito em exercício da cidade de São Paulo,

Meu querido Humberto Costa, ministro da Saúde,

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro e nosso guerreiro no Senado, Aloizio
Mercadante,

Meu caro Ramiro Neves, subprefeito de Campo Limpo,

Meu querido Gonzalo Vecina Neto, secretário municipal de Saúde,

Meus companheiros e companheiras,

Meu caro doutor César Augusto Cibele, coordenador de saúde da
subprefeitura de Campo Limpo,

Meus queridos companheiros de Casa Verde, Guaianazes, Ipiranga,
Lapa, Vila Mariana, Mooca e Sapopemba,

Quero só lembrar a vocês que na segunda-feira o Ministro da Saúde
vem para cá, para inaugurar os Centro de Saúde de Pirituba, Socorro, Ermelino
Matarazzo, Freguesia do Ó, Penha e Santo Amaro.

Portanto, na segunda-feira, mais seis Centros de Saúde Bucal serão
inaugurados aqui, em São Paulo. Até o final do ano serão inaugurados 21
Centros de Saúde Bucal aqui na capital, e 100 no Brasil inteiro. E, até 2006,
nós queremos inaugurar 400 Centros de Saúde Bucal para cada agrupamento



de 500 mil pessoas, para que, daqui a alguns anos, ninguém tenha vergonha de conversar ou de sorrir porque lhe falta um dente na boca.

Fica até mais difícil para um menino de 18, 19, 20 anos, ou para um homem de 40 anos arrumar emprego, se não tiver dente. Fica muito mais difícil para uma menina ou um menino de 18 anos namorar, se um deles não tiver dentes.

E é coisa muito séria a pessoa poder sorrir. Não tem nada mais gostoso do que uma bela gargalhada, do que um belo sorriso. E isso a gente só pode fazer quando não tem vergonha.

Eu, que ando muito pelo Brasil, em muitos lugares quando estou num palanque, olhando as pessoas, vejo meninas de 15 anos sem dentes na boca; vejo meninos de 17 anos sem dentes na boca; e vejo homens e mulheres de 40, 50 anos sem nenhum dente na boca. As pessoas ficam acanhadas, têm dificuldade de comer, de mastigar. Ou seja, a pessoa não é tratada com respeito.

E por que isso acontece no Brasil? Isso acontece no Brasil porque dente estragado e dor de dente é coisa de pobre. Rico tem mais dificuldade de ter dor de dente, porque normalmente o rico tem até dentista particular, e vai a ele quando quiser. O pobre, não. O pobre, quando vai ao dentista, pergunta qual é o preço para arrancar ou para obturar. Tratamento de canal, para pobre, nem pensar. Nem pensar, porque fica caro. Então, as pessoas preferem arrancar um dente. E arrancar um dente é arrancar uma peça, uma parte do corpo da gente.

Eu queria dizer isso porque desde 1975, quando eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, que eu comprei uma briga com a indústria automobilística, porque ela fazia convênio com empresas prestadoras de assistência médica e não estava colocado lá o dentista, porque era caro e, portanto, não entrava. Então, nós tomamos a decisão, assim que ganhamos as eleições, de que era preciso dar ao povo brasileiro o direito de recuperar os



seus dentes, o direito de uma pessoa estar com o dente doendo e não ter que arrancá-lo. De poder ir ao dentista, fazer um tratamento de canal e voltar para casa com o dente perfeito.

Hoje, a gente anda por este Brasil afora e vê que só quem pode colocar aqueles aparelhos que corrigem os dentes das crianças é a classe média ou a classe média alta. Pobre não pode. Então, o que nós queremos é garantir que, independentemente da origem social, da cor, da religião, a criança tem que ter o direito de fazer a correção da sua boca, de tratar os seus dentes. Porque assim nós vamos construir um país muito mais saudável e uma sociedade muito mais saudável, muito mais alegre. É por isso que nós estamos lançando este programa arrojado, que vai exigir que a gente invista 1 bilhão e 300 milhões de reais, porque cuidar da saúde do povo brasileiro não tem preço.

Olha, alguns dados já foram colocados, ali, naquela tela, mas é importante vocês saberem. Segundo o Ministério da Saúde, nas pesquisas que eles fazem, nós temos 30 milhões de brasileiros sem dentes na boca. A cada quatro pessoas com 60 anos ou mais, três não têm dentes na boca. Têm dois milhões de adolescentes que nunca foram ao dentista. Então, isso aqui, agora, vai dar a vocês o direito de serem tratados em igualdade de condições.

Mas não é só o povo, não. Eu não sei se tem dentista aqui, no palanque. Mas o que acontecia com o dentista? Um curso de dentista é tão caro quanto um curso de medicina. Aliás, só para vocês saberem, na maioria dos países europeus não tem curso de odontologia. As pessoas fazem um curso de medicina e depois fazem um ano de odontologia, uma espécie de preparação, de aperfeiçoamento.

Pois bem, aqui no Brasil, um curso para dentista dura cinco anos. E é um curso tão caro quanto o curso de medicina. Não é qualquer um que pode pagar um curso de odontologia. Aí, essas meninas e esses meninos se formam, e têm o sonho de montar um consultório. Agora, montar um consultório custa caro. E depois de montar o consultório, percebem o quê? Que



o povo que eles queriam atender não pode vir ao dentista, porque não pode pagar. Então, essas pessoas ficam sem ter o consultório funcionando e sem ter emprego, porque o poder público nunca tratou a saúde bucal como uma questão de saúde pública. Trata até a unha do pé, mas não trata a boca das pessoas como uma questão de saúde pública.

Então, agora, depois daquela propaganda na televisão “Eu sou brasileiro e não desisto nunca” e “O melhor do Brasil é o brasileiro”, se o povo já gosta de nós, lá fora, se nós já somos um povo muito querido lá fora, imaginem a hora em que a gente estiver com a boca nova e puder sorrir à vontade, como é que a gente vai ser muito melhor tratado por esse país afora.

Eu quero terminar, eu não posso falar de política e eu não vou falar. Eu queria dizer para vocês que eu vim a Campo Limpo na campanha para Presidente da República de 1994. Eu vim às 4 horas da manhã e fui à casa de um companheiro que andava, acho, 10 quilômetros, para ir trabalhar. E eu vim para ir andar com ele porque, embora trabalhasse, ele não tinha dinheiro para pagar o transporte. E nós viemos para fazer o trajeto com ele, eu e vários companheiros que estão aqui, em cima do palanque.

É por isso que eu disse que a questão do emprego, para mim, é uma obsessão. Porque eu já fiquei desempregado, porque eu sei o que é a gente chegar em casa, ficar sentado numa mesa vendo a mãe olhando para o teto, sabendo que não tem comida para colocar para o filho. É por isso que eu falei que o emprego é uma obsessão.

Agora, emprego a gente não cria do dia para a noite. Não tem mágica. Porque, se tivesse mágica, vocês já estavam me chamando de “Mandrake”, porque eu já teria feito crescer.

Mas o companheiro Aloízio, que é dos mais brilhantes economistas deste país, sabe de uma coisa. Primeiro, vocês sabem como é que nós pegamos este país. E, hoje, a gente pode escutar pelo Brasil inteiro que a coisa



está melhorando. Está melhorando, não. Vai melhorar muito mais a situação deste país. Vai melhorar muito mais.

Só para vocês saberem, a construção civil que, em 2003, tinha mandado embora quase 59 mil trabalhadores, este ano, de janeiro a setembro, Aloizio, já contratou 90 mil novos trabalhadores neste país. Do dia 1º de janeiro ao dia 1º de setembro deste ano, nós já conseguimos 1 milhão 666 mil e 180 empregos de carteira profissional assinada. Empregos de carteira profissional assinada! Para demonstrar, claramente, que na hora em que a economia brasileira volta a crescer e as pessoas começam a acreditar no Brasil, as pessoas começam a oferecer os empregos que o povo brasileiro precisa.

E eu queria que vocês tivessem a certeza que a economia vai crescer muito mais, vai crescer neste ano, vai crescer no ano que vem, vai crescer em 2006. E nós vamos mostrar que um país do tamanho do Brasil, um país com a qualidade do Brasil não pode ficar sendo considerado, pelo mundo, como um país eternamente pobre. Este país tem condições de dar um salto de qualidade. E nós vamos ter a felicidade de participar dele, não apenas melhorando a qualidade da saúde, mas melhorando a qualidade de trabalho dos agricultores familiares deste país, fazendo com que o dinheiro do Banco do Brasil possa chegar até as pequenas cidades; com a distribuição do programa Bolsa Família, fazendo chegar às famílias brasileiras o mínimo necessário para que elas tenham o que comer durante o mês inteiro.

É por isso, meus companheiros, que eu vim aqui. Orgulhosamente, volto a Campo Limpo para encontrar homens e mulheres desta região e dizer que, certamente, voltaremos aqui outras vezes para anunciar coisas boas, ou através do Ministério da Saúde ou através do Ministério da Habitação, porque as pessoas sabem que nesta cidade, neste estado e neste país o investimento em saneamento básico era dificultado porque o governo federal não colocava dinheiro.

Nós, em apenas um ano e meio, já fizemos contratos de quase 5 bilhões



de reais para saneamento básico, o que significa 14 vezes mais do que tudo que foi investido de 1997 a 2002 no nosso país. Porque para nós, investir em saneamento básico é, inclusive, ajudar a melhorar a saúde do povo. Humberto Costa não falou, mas nós temos convênios com as prefeituras para fluoretar água, para que a água seja boa e para que a água possa ajudar a cuidar dos dentes das nossas crianças, e para que ninguém pegue uma gripe, porque eu saí de Brasília com quase 30 graus e chego aqui com esse frio “da moléstia”.

Eu quero deixar um grande abraço, um beijo e desejar felicidade a todo o povo de Campo Limpo.